

GAIL  
CARRIGER

# Eternidade?

*Um romance sobre  
vampiros, lobisomens e múmias*

ESTRELANDO  
ALEXIA TARABOTTI



A série de  
steampunk  
mais cultuada  
do mundo

valentina 

## *Noite do banho...*

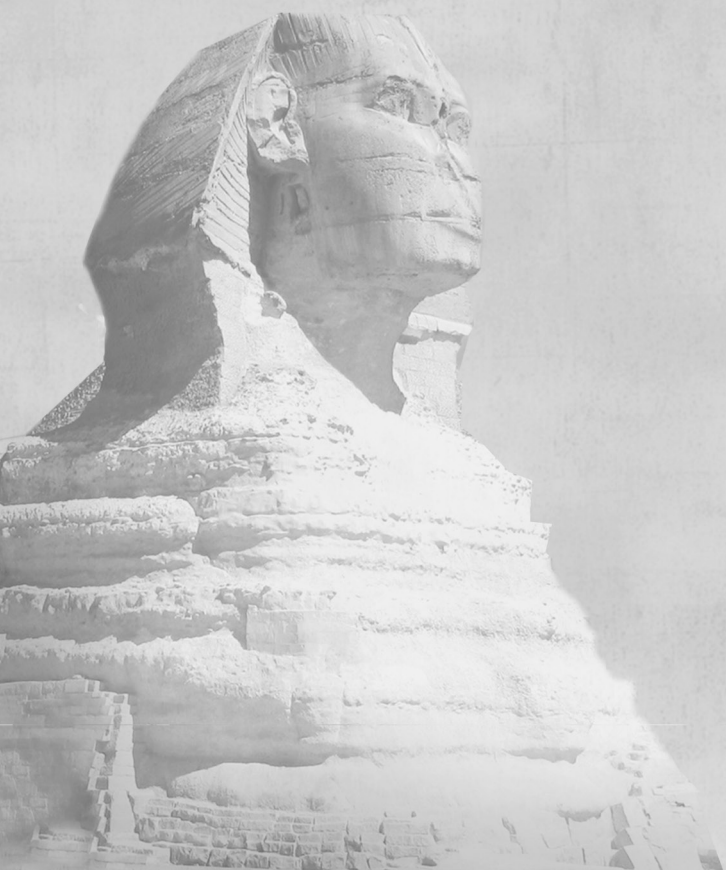
Lady Maccon escancarou a porta do closet e observou o estado lastimável do cavalheiro à sua frente. Os zangões de Lorde Akeldama eram sujeitos de estilo e boa posição social. Ditavam as regras quanto ao uso das pontas de colarinho e polainas em toda a Londres. O jovem charmoso à frente dela representava o que havia de melhor na sociedade londrina — uma bela sobrecasaca cor de ameixa, um plastron branco amarrado no alto, que fluía como uma cascata, os cabelos cacheados de forma impecável na altura das orelhas —, se não estivesse ensopado e coberto de espuma de sabão, com o plastron se desfazendo e uma ponta de colarinho pendendo tristemente.

— Minha nossa, o que foi que ela aprontou agora?

— Demais para que eu explique, milady. Acho melhor que venha imediatamente.

Lady Maccon olhou para seu lindo traje novo.

— Mas eu adoro este vestido.



GAIL  
CARRIGER

# Eternidade?

*Um romance sobre  
vampiros, lobisomens e múmias*

O PROTETORADO



DA SOMBRINHA

*Tradução*

Flávia Carneiro Anderson

  
valentina

Rio de Janeiro, 2018

1ª Edição



Copyright © 2012 by Tofa Borregaard  
Publicado mediante contrato com Little, Brown and Company, Nova York.

TÍTULO ORIGINAL  
*Timeless*

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Diana Cordeiro

FOTO DE CAPA  
Pixie Vision Productions

FOTO DA AUTORA  
Vanessa Applegate

Foto da modelo gentilmente cedida por  
DONNA RICCI, CLOCKWORK COUTURE

DIAGRAMAÇÃO  
Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*  
2018

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C312e

Carriger, Gail

Eternidade? / Gail Carriger; tradução de Flávia Carneiro Anderson. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

336p.; 23 cm. (O protetorado da sombrinha; 5)

Tradução de: *Timeless*

Sequência de: *Coração?*

ISBN 978-85-5889-060-1

1. Ficção fantástica inglesa. I. Anderson, Flávia Carneiro. II. Título. III. Série.

17-46349

CDD: 813

CDU: 821.111-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORIA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravaleentina.com.br

## **Agradecimentos**

Phrannish leu este último volume durante a produção. Rach o fez uma semana depois de dar à luz. Iz, quando estava doente, assim que voltou de Israel e enquanto procurava uma casa para comprar. Portanto, esta fera escrivinhadora é eternamente grata a todas as suas amigas íntimas, com vidas mais maduras que a sua, por terem deixado suas tarefas de lado... pela última vez.

Obrigadíssima ao meu Protetorado da Sombrinha pessoal.

Precisamos repetir a dose, um dia desses.



*Eternidade?*





## Capítulo 1

### Em que Quase se Consegue Dar Banho e com Certeza se Vai ao Teatro

— *Q*uê não falei isso — resmungou Lorde Maccon, deixando, de má vontade, que lhe tolhessem os movimentos com um novo paletó de noite.

Ele ficou contorcendo a cabeça, incomodado com o colarinho alto e o nó apertado do plastrom. Floote aguardou pacientemente que o conde parasse de se remexer antes de acabar de vestir o paletó. Lobisomem ou não, Lorde Maccon estaria com sua melhor aparência ou o mordomo não se chamava Algernon — que, por sinal, era o seu nome.

— Falou sim, meu querido. — Lady Maccon era uma das únicas pessoas em Londres que ousavam contradizer o conde. Por ser sua esposa, era possível dizer que até se especializara nisso. Ela já se vestira, o corpo curvilíneo deslumbrante em um vestido de noite de seda castanho-avermelhada e renda preta, com mangas e colarinho alto, ao estilo chinês, que acabara de chegar de Paris. — Lembro-me perfeitamente. — A preternatural fingiu estar distraída ao passar seus itens essenciais para a bolsinha reticulada de contas negras. — Eu disse que deveríamos deixar claro o nosso patrocínio e apoio na noite de estreia, e você *soltou um resmungo* para mim.

— Então, está explicado. Foi um resmungo de insatisfação. — Lorde Maccon franziu o nariz como um garotinho petulante, enquanto Floote

andava ao seu redor, retirando amassados inexistentes, usando o mais moderno desamassador com expelidor de ar a vapor.

— Não, querido, não. Foi sem sombra de dúvida um dos seus resmungos de anuência.

O marido fez uma pausa e olhou para a esposa, com expressão de espanto.

— Pelas barbas do profeta, mulher, como sabe a diferença?

— Três anos de casamento. Seja como for, já aceitei o convite e avisei que estaríamos no nosso camarote, no Adelphi, às nove em ponto. Estão aguardando a presença do *casal* Maccon. Não tem como escapar dessa.

Ele soltou um suspiro, cedendo. O que foi bom, pois Lady Maccon e Floote tinham conseguido metê-lo em um traje completo de gala, e não restava outra opção.

Demonstrando sua solidariedade, ele agarrou a esposa, puxando-a para perto de si, e cheirou seu pescoço. Ela ocultou um sorriso e, em respeito à presença austera do mordomo, fingiu não estar desfrutando imensamente do que ocorria.

— Lindo vestido, meu amor, e lhe cai muito bem.

Lady Maccon mordiscou a orelha do marido, em resposta ao elogio.

— Obrigada, querido. Mas acho que você gostaria de saber que o detalhe mais interessante deste vestido é que é fácil de pôr e de tirar.

Floote pigarreou para lembrar-lhes de sua presença.

— Esposa, pretendo testar a veracidade dessa afirmação quando nós voltarmos desse seu compromisso.

Ela se afastou dele, ajeitando o cabelo, constrangida.

— Muito obrigada, Floote, fez um ótimo trabalho, como sempre. Sinto muito tê-lo tirado de suas tarefas costumeiras.

O mordomo idoso simplesmente anuiu, sem expressão.

— Ao seu dispor, madame.

— Ainda mais porque, pelo visto, não há zangões por aqui. Onde eles estão?

O mordomo pensou por alguns instantes e, em seguida, informou:

— Creio que é a noite do banho, madame.

Lady Maccon empalideceu, horrorizada.

— Ah, minha nossa. É melhor irmos embora depressa, Conall, ou nunca vou conseguir sair a tempo de...

Batidas ressoaram à porta do terceiro closet de Lorde Akeldama, evocadas, claro, pelo receio dela de se atrasar.

Como o casal Maccon tinha ido morar naquela área da residência do vampiro era tema de debate entre os que sabiam desse detalhe. Alguns achavam que houvera uma negociação que envolvia troca de polainas e talvez promessas de tortas de melado diárias. Em todo caso, o acordo parecia estar dando muito certo para ambas as partes, para surpresa de todos, e, se as colmeias de vampiros não descobrissem, era bem provável que a situação continuasse assim. Lorde Akeldama agora tinha uma preternatural em seu closet e uma alcateia de lobisomens na casa ao lado, mas ele e seus zangões já haviam aguentado vizinhos muito piores e abrigado coisas bem mais chocantes em seu vestiário, a julgar pelos boatos.

Fazia quase dois anos que o casal Maccon vinha fingindo morar na casa ao lado, que Lorde Akeldama vinha fingindo usar todos os seus closets e que os zangões vinham fingindo não ter absoluto controle criativo sobre o vestuário de todo mundo. O que não haviam previsto ao fazer tal acordo fora o fato de ter ficado cada vez mais claro que a casa de uma metanatural requeria a presença de uma preternatural, ou ninguém estaria seguro — especialmente na noite do banho.

Lady Maccon escancarou a porta do closet e observou o estado lastimável do cavalheiro à sua frente. Os zangões de Lorde Akeldama eram sujeitos de estilo e boa posição social. Ditavam as regras quanto ao uso das pontas de colarinho e polainas em toda a Londres. O jovem charmoso à frente dela representava o que havia de melhor na sociedade — uma bela sobrecasaca cor de ameixa, um plastron branco amarrado no alto, que fluía como uma cascata, os cabelos cacheados de forma impecável na altura das orelhas —, se não estivesse ensopado e coberto de espuma de sabão, com o plastron se desfazendo e uma ponta de colarinho pendendo tristemente.

— Minha nossa, o que foi que ela aprontou agora?

— Demais para que eu explique, milady. Acho melhor que venha imediatamente.



Lady Maccon olhou para seu lindo traje novo.

— Mas eu adoro este vestido.

— Lorde Akeldama tocou nela sem querer.

— Ah, minha nossa! — Ela pegou a sombrinha e a bolsa reticulada, na qual estavam os lunóticos de ópera, Ethel, seu revólver Colt Paterson calibre .28 e um leque, e desceu correndo a escada, atrás do zangão. O pobre coitado chegava a chapinhar, com seus sapatos de brilho impecável.

Lorde Maccon os seguiu inutilmente, queixando-se:

— Nós não o avisamos que não era para fazer isso?

No andar de baixo, Lorde Akeldama transformara a saleta lateral em uma sala de banho para a filha adotiva. Desde o começo ficara claro que a lavagem do corpo seria um evento de proporções épicas e requeria um ambiente grande o bastante para acomodar diversos dos melhores e mais competentes zangões. Ainda assim, em se tratando daquele vampiro, até mesmo uma sala dedicada à limpeza de uma criancinha não podia ser sacrificada para o desguarnecido altar da praticidade.

Havia um tapete grosso no chão, da era georgiana, com estampas de inúmeras pastorinhas saltitantes, as paredes foram pintadas nos tons de azul-claro e branco, e o teto com afrescos de animais marinhos, em consideração à evidente relutância da menininha travessa em se relacionar com a água. Os peixinhos, os cefalópodes e as lontras alegres no alto estavam ali como uma forma de estímulo, mas era evidente que a filha os considerava ameaças repugnantes.

Bem no meio da sala havia uma banheira dourada, com patas de leão. Era grande demais para uma garotinha tão pequena, mas Lorde Akeldama nunca fazia nada pela metade, sobretudo se podia dobrar o tamanho e gastar três vezes mais. Havia também uma lareira, diante da qual estavam diversos varais portáteis dourados, com toalhinhas felpudas e ultra-absorventes, além de um diminuto roupão de seda em estilo chinês.

No local encontravam-se nada menos que oito zangões, além de Lorde Akeldama, um criado e uma babá. No entanto, ninguém conseguia conter Prudence Alessandra Maccon Akeldama quando chegava a hora do banho.

A banheira emborcara, deixando o belo tapete ensopado de água e sabão. Vários zangões estavam encharcados. Um deles cuidava do próprio joelho machucado, e outro, do lábio cortado. Por todo o corpo de Lorde Akeldama se viam diminutas impressões digitais de mãozinhas ensaboadas. Um dos varais portáteis caíra para o lado, e uma das toalhinhas chamuscara na lareira. O criado se encontrava parado, boquiaberto, com um sabonete em uma das mãos e uma fatia de queijo na outra. A babá se atirara no canapé, aos prantos.

Na verdade, a única pessoa que não estava nem machucada nem molhada era a própria Prudence. A garotinha se empoleirara de forma precária na cornija da lareira, totalmente nua, com uma expressão bastante combativa no rosto, gritando:

— Não, Dama. Molhar não. Ifo não! — Ela ceceava por causa das presas.

Lady Maccon ficou parada à entrada, petrificada.

Lorde Akeldama se endireitou, no ponto em que se encontrava.

— Meus *queridos*, tática número oito, acho: rodear e fechar o cerco. Então, preparem-se, *meus amores*. Eu vou me aproximar.

Todos os zangões se endireitaram e abriram braços e pernas, adotando posições similares a de lutadores, formando um círculo irregular em torno da cornija em questão. Todas as atenções se concentravam na menina, que mantinha a posição, inabalável.

O velho vampiro se lançou rumo à filha adotiva. Em geral se movia rápido, talvez mais do que qualquer outra criatura que Lady Maccon já vira, e ela já fora a infeliz vítima de mais de um ataque de hematófagos. No entanto, naquela situação específica, Lorde Akeldama não se moveu com mais agilidade do que um mortal comum. E era essa, claro, a dificuldade ali — ele *estava* na condição de mortal comum. O rosto já não mostrava a perfeição imortal, e sim um leve esgotamento, além de certo mau humor. Os movimentos continuavam efeminados, porém mortalmente elegantes e, por azar, mortalmente lentos.

Prudence saltou como uma espécie de sapo veloz, as pernas diminutas e rechonchudas dotadas de força sobrenatural, mas ainda instáveis, como as de uma criancinha. Ela caiu no chão, gritou ao sentir uma breve

dor e, então, moveu-se a toda a velocidade, buscando uma brecha no círculo de zangões que se aproximavam.

— Não, Dama. Molhar não — gritou, atacando um dos zangões, as presinhas à mostra. Sem se dar conta da própria força sobrenatural, a menina conseguiu passar entre as pernas do pobre coitado e se dirigir para a passagem livre.

Acontece que a passagem não estava, de todo, livre. Ali se encontrava a única criatura que a pequena Prudence aprendera a temer e, claro, a amar mais do que tudo no mundo.

— Mamã! — Foi a exclamação animada, seguida de: — Papá! — quando a cabeça de cabelos desgrenhados de Lorde Maccon se assomou atrás da esposa.

Lady Maccon estendeu os braços, e Prudence se dirigiu a eles com toda a velocidade sobrenatural que uma criancinha vampiro poderia ter. A mãe deixou escapar um grunhido no impacto e caiu para trás, nos braços amplos e firmes do marido.

Assim que a menininha nua entrou em contato com os braços expostos da preternatural, já não era mais perigosa do que qualquer criancinha se contorcendo.

— Então, Prudence, que confusão é essa? — reclamou a mãe.

— Não, Dama. Molhar não! — contou ela, com bastante clareza, sem presas que dificultassem a fala.

— É a noite do banho. Você não tem escolha. Mocinhas de verdade são limpinhas — explicou a mãe, com muita sensatez, julgou.

Prudence não concordou.

— Nã-não.

Lorde Akeldama se aproximou. A palidez do rosto voltara, bem como os movimentos rápidos e ágeis.

— Sinto muito, *meu bolinho*. Ela conseguiu fugir de Boots ali e arremeteu para mim antes que eu pudesse me esquivar. — Ele levou a mão branca delicada a uma mecha de cabelo da filha adotiva, para tirá-la de seu rosto. Era seguro fazê-lo naquele momento, com Lady Maccon ali perto.

A garotinha estreitou os olhos, desconfiada.

— Molhar não, Dama — insistiu.

— Bom, acidentes acontecem, e todos sabemos como ela é. — A preternatural lançou um olhar severo para a filha. Prudence retribuiu o olhar, sem se deixar intimidar. Lady Maccon balançou a cabeça, exasperada. — Eu e Conall estamos indo ao teatro. Acha que pode lidar com esta noite do banho sem a minha presença? Ou deveríamos cancelar o passeio?

Lorde Akeldama ficou horrorizado ante a mera sugestão.

— Ó céus, não, *ranúnculo*, de jeito nenhum! *Deixar de* ir ao teatro? Nem pensar. Vamos nos virar perfeitamente bem aqui, sem você, agora que controlamos essa confusãozinha, não é mesmo, Prudence?

— Não — respondeu a garotinha.

O vampiro se afastou dela.

— Vou ficar bem longe daqui para frente, posso lhe garantir — continuou ele. — Um contato com a mortalidade por noite é mais do que suficiente para mim. É uma sensação *desconcertante* o toque da sua filha. Não é como o seu.

Lorde Maccon, que se vira na mesma posição em mais de uma ocasião no que dizia respeito às habilidades de Prudence, mostrou-se atipicamente solidário com o vampiro. Por isso, deixou escapar um enfático “É verdade”. E também aproveitou que a filha estava no colo da mãe para afagar seus cabelos com afeto.

— Papá! Molhar não?

— Talvez seja melhor deixarmos o banho para amanhã à noite? — sugeriu ele, cedendo ao olhar suplicante da menininha.

Lorde Akeldama se animou.

— De jeito nenhum — sentenciou Lady Maccon, para ambos. — Coragem, cavalheiros. Temos que manter a rotina. Todos os médicos dizem que é fundamental tanto para o bem-estar da criança quanto para sua educação ética adequada.

Os dois imortais se entreolharam, como cavalheiros cientes da derrota que tinham sofrido.

Para não perder mais tempo, Alexia levou a relutante Prudence até a banheira, que, àquela altura, fora endireitada e reenchida com água quente. Em circunstâncias normais, ela mesma teria metido a filha ali,



mas, preocupada com o vestido, passou-a para Boots e recuou, evitando se molhar.

Sob o olhar atento da mãe, a garotinha aceitou entrar, apenas franzindo um pouco o nariz de nojo.

A preternatural meneou a cabeça.

— Boa menina. Agora faça o favor de se comportar com o coitado do Dama. Ele já aguenta travessuras demais de sua parte!

— Dama! — repetiu a filha, apontando para Lorde Akeldama.

— Isso, muito bem. — Lady Maccon se virou para o marido e o vampiro, que estavam à porta. — Tome cuidado, milorde.

O vampiro anuiu.

— Pode deixar. Devo dizer que não *imaginei* que enfrentaria tamanho desafio, quando o professor Lyall sugeriu a adoção.

— É verdade, foi tolice nossa achar que Alexia teria uma filha obediente — concordou Lorde Maccon, dando a entender que todos os defeitos de Prudence eram culpa da esposa e que ele só poderia ter tido a criança mais comportada e dócil possível.

— Ou uma que pudesse ser controlada por um vampiro.

— Um vampiro e uma alcateia de lobisomens.

Lady Maccon encarou-os.

— Pois eu não creio que seja a única culpada. Está querendo dizer que Sidheag é uma aberração na linhagem Maccon?

O marido inclinou a cabeça, pensando na tataraneta, agora Alfa da Alcateia de Kingair, uma mulher que gostava de andar com rifles e de fumar charutos.

— Tem razão.

A conversa foi interrompida por uma forte chapinhada na água, que ocorreu quando Prudence conseguiu puxar parcialmente, mesmo sem força sobrenatural, um dos zangões até a banheira. Vários outros foram ajudá-lo depressa, sussurrando entre si, igualmente angustiados com o mergulho e o estado dos punhos de suas camisas.

Prudence Alessandra Maccon Akeldama já teria sido bem levada sem as habilidades metanaturais. Mas lidar com uma garotinha precoce, que conseguia se tornar imortal, era um desafio e tanto, até mesmo para

dois lares sobrenaturais. A menina parecia ter a capacidade, inclusive, de usurpar as habilidades sobrenaturais da vítima, fazendo com que se tornasse mortal por uma noite. Se Lady Maccon não tivesse interferido, Lorde Akeldama teria continuado mortal e Prudence teria mantido as presas até o crepúsculo. A mãe, ou supostamente qualquer outro preternatural, era o único antídoto aparente.

Lorde Maccon já se acostumara, depois de muito resmungar, a só tocar a filha quando ela estava em contato com a mãe ou à luz do dia. Como era um homem que gostava de aconchego, tal limitação o deixava frustrado. Mas o pobre coitado de Lorde Akeldama achava toda aquela situação desagradável. O vampiro adotara oficialmente a garotinha e, por isso, acabara tendo de se encarregar da maior parte de seus cuidados, embora nunca pudesse lhe demonstrar afeição fisicamente. Quando Prudence era bebê, ele conseguira, usando luvas de couro e cueiros grossos, mas, ainda assim, acidentes aconteciam. Agora que ela estava se movimentando mais, o risco aumentara. Qualquer contato na pele ativava de imediato seus poderes e, em algumas ocasiões, ela conseguia usurpá-los até através das roupas. Quando ficasse mais velha e sensata, a mãe pretendia submetê-la a alguns exames controlados, mas, àquela altura, todos na casa apenas tentavam sobreviver. A garotinha não estava nem aí para a importância das descobertas científicas, apesar de a mãe ter tentado explicá-las. O que era um defeito desconcertante, na opinião de Alexia.

Dando uma última olhada em Prudence para se certificar de que continuava praticamente submersa, a preternatural se retirou, levando Lorde Maccon. Ele conteve o riso até eles entrarem na carruagem e partirem para West End. Então, deixou escapar uma sonora gargalhada.

Lady Maccon não se conteve e começou a rir também.

— Coitado de Lorde Akeldama.

O marido enxugou os olhos.

— Ah, ele adora. Fazia pelo menos um século que não se divertia tanto.

— Tem certeza de que vão conseguir controlá-la sem a minha presença?

— Nós vamos voltar daqui a algumas horas. Será que a situação pode piorar tanto assim?

— Não provoque o destino, meu amor.

— Melhor nos preocuparmos com a nossa própria sobrevivência.

— Ora, mas por que está falando assim? — A esposa se empertigou e olhou desconfiada pela janela. Era verdade que fazia alguns anos que não tentavam matá-la em um veículo, mas, como isso ocorrera com incrível frequência por um bom tempo, ela nunca ficava tranquila em carruagens.

— Não, não, minha querida. Eu me referi à peça que estou sendo obrigado a ver.

— Ah, imagine só! Como se eu pudesse arrastá-lo para algum lugar. Você tem o dobro do meu tamanho.

Lorde Maccon lançou-lhe o olhar de um homem que sabe quando ficar quieto.

— Ivy me garantiu que é uma boa versão de uma história muito comovente, e que a companhia teatral está em ótima forma, depois da turnê pelo continente. *As Chuvas Fatais de Swansea*, acho que é esse o título. É uma das peças do Tunstall, muito artística e encenada no novo estilo de interpretação sentimental.

— Esposa, você está me levando à total perdição. — Ele pôs a mão na cabeça e se deixou cair para trás, no recosto acolchoado da cabine, em um gesto satisfatoriamente teatral.

— Ah, pare de falar besteira. Vai ser ótima.

A expressão do marido deixava claro que ele preferia a morte ou até uma batalha a enfrentar as próximas horas.

O casal Maccon chegou, exibindo o tipo de elegância que se espera de membros da alta sociedade. Lady Maccon estava deslumbrante, alguns talvez até tivessem dito bonita, com o novo vestido francês. Lorde Maccon parecia um conde, para variar um pouco, os cabelos *quase* controlados e o traje de noite *quase* impecável. Julgava-se que a mudança para Londres resultara na imensa melhoria da aparência e do comportamento da ex-Alcateia de Woolsey. Alguns indivíduos achavam que devia ser



por estarem morando tão perto de Lorde Akeldama, outros, pelo efeito domesticador do ambiente urbano, enquanto os críticos ferrenhos jogaram a culpa em Lady Maccon. Na verdade, embora os três fatores provavelmente tenham influenciado a mudança, fora a mão de ferro dos zangões de Lorde Akeldama que, de fato, pusera em prática a transformação — ou seria melhor dizer o ferro quente? Bastava um dos integrantes da alcateia do conde entrar em seu campo de atuação com um fiozinho fora do lugar, para os rapazes caírem em cima dele, gorgolejantes como patos silvestres sobre um infeliz pedaço de pão largado.

A preternatural conduziu o marido com firmeza rumo ao seu camarote particular. Os olhos arregalados dele deixavam claro seu receio.

*As Chuvas Fatais de Swansea* contava a história de um lobisomem perdidamente apaixonado por uma rainha vampiro e de um vilão cruel, que tentava afastá-los. Os atores que representavam vampiros foram retratados com presas postiças dignas de nota, além de uma espécie de tinta avermelhada lambuzando os queixos. Já os que atuavam como lobisomens estavam adequadamente vestidos, exceto pelas orelhas grandes e felpudas amarradas nas cabeças com fitas de tule cor-de-rosa — obra da sra. Tunstall, sem sombra de dúvida.

Ivy Tunstell, a amiga querida de Alexia, fazia o papel da rainha vampiro. E em sua atuação recorreu a diversas caminhadas arrebatadas pelo palco e desmaios, as próprias presas maiores do que as de todos os demais, o que lhe tolhia tanto a fala, que a maioria de seus diálogos ficaram reduzidos a meros sibilos cheios de cuspe. Usava um chapéu que era em parte uma touca, em parte uma coroa, em alusão à majestade da personagem, nos tons de amarelo, vermelho e dourado. O marido, que atuava como o lobisomem apaixonado, cabriolava de um lado para outro do palco em uma interpretação cômica dos saltos lupinos, latindo muito e metendo-se em diversas lutas espetaculares.

Para a preternatural, o momento mais estranho foi uma sequência onírica um pouco antes do intervalo, quando Tunstell pôs umas ceroulas listradas à semelhança de abelhão, com o respectivo colete, e começou a dançar um curto balé, diante de sua rainha vampiro. Esta usava um volumoso vestido de chiffon preto com gola alta, em estilo shakespeariano,

e um colete verde por cima, com leque da mesma cor. Fizera dois coques, que pareciam orelhas de urso, em ambas as laterais da cabeça, e deixara os braços expostos. *Expostos!*

Lorde Maccon, àquela altura, passou a tremer incontrolavelmente.

— Acho que essa cena pretende simbolizar o absurdo de seu amor improvável — explicou Lady Maccon ao marido. — É profundamente filosófica. O abelhão representa a circularidade da vida e o eterno alvoroço da imortalidade. O vestido de Ivy, tão semelhante ao de uma cantora de ópera, sugere a frivolidade de se dançar pela existência sem amor.

O Alfa continuou a tiritar silenciosamente, como se tremesse de dor.

— Não sei o que pensar do leque e dos coques. — Ela deu umas batidinhas com o próprio leque na maçã do rosto.

Quando as cortinas baixaram no final do primeiro ato, o herói com traje de abelhão estava prostrado aos pés de sua rainha vampiro. O público aplaudiu com veemência. Lorde Maccon começou a dar sonoras gargalhadas, que ecoaram livremente pelo teatro. Várias pessoas se viraram para lhe lançar um olhar desaprovador.

*Bom, pensou a preternatural, pelo menos ele conseguiu se conter até o intervalo.*

Por fim, o marido controlou o riso.

— Incrível! Sinto muito, esposa, por não ter tido vontade de vir a esta peça. É divertidíssima.

— Bom, faça-me o favor de não falar nada para o coitado do Tuns-tell. Era para ser uma peça tocante, não divertida.

Uma batidinha tímida ecoou no camarote.

— Entre — cantarolou ao estilo tirolês Lorde Maccon, ainda dando risadinhas.

A cortina foi afastada, e uma pessoa que Lady Maccon jamais imaginaria ver no teatro entrou: Madame Genevieve Lefoux.

— Boa noite, Lorde Maccon, Alexia.

— Genevieve, que surpresa!

A francesa estava impecavelmente vestida. A convivência com a Colmeia de Woolsey não surtira um efeito nem ruim nem bom em sua



vestimenta. Se a Condessa Nadasdy havia tentado fazer com que seu mais novo zangão se vestisse da forma apropriada, não conseguira. Madame Lefoux usava roupas da última moda — masculina. Seu gosto continuava sutil e elegante, sem os exageros vampirescos, tais como nós elaborados de plastrons e abotoaduras. Era verdade que usava alfinetes de gravata e relógios de bolso, mas a preternatural podia apostar um bom dinheiro que nem um deles estava ali para enfeitar.

— Estão gostando da peça? — quis saber a francesa.

— É muito agradável. Conall não a está levando a sério.

Lorde Maccon deu uma bufada.

— E você? — perguntou Lady Maccon à velha amiga. Desde que ela atacara Londres de forma tão devastadora e se tornara, em seguida, zangão de vampiro, o clima entre as duas continuara bastante constrangedor. Apesar de isso ter ocorrido havia dois anos, elas não tinham voltado a gozar da proximidade que lhes fora tão cara no início de sua relação. A francesa a estragara com o uso de um octômato que provocara sérios estragos, e a preternatural a terminara ao sentenciar que Genevieve seria obrigada a atuar como zangão por uma década.

— É interessante — respondeu Madame Lefoux, com cautela. — E como está a pequena Prudence?

— Travessa, como sempre. E Quesnel?

— Do mesmo jeito.

As duas trocaram sorrisos prudentes. Apesar de tudo, a preternatural gostava da francesa. A inventora tinha carisma. E Lady Maccon, uma dívida para com ela, que exercera o papel de parteira na chegada totalmente intempestiva de Prudence ao mundo. Em todo caso, a preternatural não confiava nela. Madame Lefoux sempre cuidara primeiro dos próprios interesses, mesmo como zangão, e, depois, dos da Ordem do Polvo de Cobre. Qualquer resquício de lealdade e afeição por Lady Maccon que lhe restasse, portanto, devia ter baixíssima prioridade, àquela altura.

A preternatural tirou-as da conversa banal com uma lembrança direta:

— Como vai a condessa?

Madame Lefoux deu de ombros do jeito típico francês.

— A mesma de sempre, não mudou nada. É por causa dela que vim aqui. Ela me pediu que lhe transmitisse uma mensagem.

— Ah, sim, e como sabia onde me encontrar?

— O casal Tunstell está apresentando uma nova peça, patrocinada pelo casal Maccon. Mas sou obrigada a admitir que não imaginei que *estaria* aqui, milorde.

Ele deu uma risada lupina.

— Fui convencido.

— A mensagem? — A preternatural estendeu a mão.

— Ah, não, nós aprendemos a jamais fazer *isso* de novo. É um recado oral. A Condessa Nadasdy recebeu instruções e gostaria de vê-la, Alexia.

— Instruções? De quem?

— Não sei — respondeu a inventora.

Lady Maccon se virou para o marido.

— Quem diabos ousaria dar ordens à rainha da Colmeia de Woolsey?

— Não, não, Alexia, não me entendeu bem. As instruções foram enviadas para *ela*, mas são para *você*.

— Para mim? Para mim! Ora... — gaguejou, indignada.

— Receio não saber de mais nada. Pode visitá-la esta noite, depois da peça?

A preternatural, cuja curiosidade fora atizada, anuiu.

— É a noite do banho, mas Lorde Akeldama e os zangões precisam aprender a se virar sozinhos.

— Noite do banho?

— Prudence é particularmente traquinas nessa ocasião.

— Ah, sim. Algumas crianças não gostam de tomar banho. Quesnel era assim também. E, como você deve ter notado, ele não melhorou. — O filho de Genevieve era conhecido por ser porquinho.

— E como ele anda agora, morando com os vampiros?

— Está adorando, o monstrinho.

— Como Prudence, então.

— Se assim diz. — A francesa inclinou a cabeça. — E a minha chapelaria?

— Biffy a tem mantido sob perfeito controle. Você deveria ir visitá-lo. Ele está lá, esta noite. Tenho certeza de que adoraria vê-la.

— Talvez faça isso. Venho a Londres pouquíssimas vezes, hoje em dia. — Madame Lefoux começou a se dirigir aos poucos à cortina, pondo a cartola cinza e se despedindo.

Deixou o casal Maccon num silêncio intrigado com aquele enigma que, verdade fosse dita, acabou levando ambos, juntamente com a ausência de novos rituais de cortejo por parte do abelhão, a desfrutar menos do segundo ato.